

Boletim Internacional



Ano VI n° 29 23.08.2006

12 de Setembro : Dia de Luta na Toyota

A FITIM , a Federação Internacional dos Metalúrgicos programou para o próximo dia 12 de setembro um Dia Internacional de Luta em solidariedade aos trabalhadores da Toyota nas Filipinas.

A federação está pedindo aos sindicatos afiliados que protestem junto ao governo japonês para que ele se valha da sua influência para que se consiga uma justa solução para o conflito que se arrasta na Toyota Motor Philippines Corporation . Já em maio deste ano o Comitê Executivo da FITIM apoiou o lançamento de uma campanha para a readmissão de 136 operários despedidos ilegalmente e para o reconhecimento do Toyota Motor Philippine Corporation Workers Association (TMPCWA) como representante dos trabalhadores e único agente da negociação.

No mês passado foram realizadas ações de solidariedade pela readmissão dos trabalhadores filipinos na África do Sul, Brasil, Reino Unido, Austrália e Tailândia. Outros sindicatos filiados realizaram arrecadações para o TMPCWA e mandaram cartas de protesto à direção da Toyota.

A CIOSL, a Confederação Internacional das Organizações Sindicais Livres, que representa 155 milhões de trabalhadores em 156 países, publicou em seu Informe Anual de Violações dos Direitos Sindicais os preocupantes abusos e violações dos direitos trabalhistas nas Filipinas, referindo-se concretamente ao conflito na Toyota, que foi utilizado como um exemplo de companhias multinacionais que se utilizam das leis trabalhistas filipinas para sufocar seus trabalhadores.

Em 16 de agosto ultimo, cerca de 21 trabalhadores da empresa foram presos quando protestavam diante do Departamento do Trabalho e Emprego. Eles denunciavam a decisão do órgão governamental que, atendendo aos desejos da empresa, reconheceu o sindicato pelego Toyota Motor Philippines Corporation Labour Organisation (TMPCLO) como único sindicato com direitos de negociação e representação. (FITIM, 18.08.2006)



Readmissão Imediata !



TOYOTA FILIPINAS
¡REINCORPÓRENLOS AHORA!

A Toyota Motor Philippines Corporation é o alvo de uma campanha global porque se recusa a readmitir 136 trabalhadores ilegalmente demitidos, apesar do julgamento favorável da Suprema Corte Filipina e da Organização Internacional do Trabalho (OIT).

Em março de 2001, a empresa demitiu 227 sindicalistas e suspendeu outros 64 por realizarem uma manifestação em frente ao Ministério do Trabalho protestando porque a empresa recusava a negociar com o seu sindicato, o TMPCWA.

Dos 227 trabalhadores originalmente demitidos, 136 buscam sua readmissão. Em setembro de 2003 a Suprema Corte ordenou que a Toyota iniciasse a negociação. Apesar disso a Toyota recusa-se a cumprir a decisão.

'Somos operários, não mendigos !'

O SITIAW, sindicato dos trabalhadores da Volkswagen do México, organizou uma marcha de protesto na luta pelo respeito aos seus direitos sindicais.

'Somos operários, não mendigos !' foi uma das palavras-de-ordem empregadas no protesto que os trabalhadores da Volks mexicana realizaram no Domingo, dia 13 de agosto ultimo. O Sindicato Independiente de Trabajadores de la Industria Automotriz Volkswagen, SITIAW, organizou a manifestação depois de uma semana infrutífera de negociações com a direção da empresa.

Os trabalhadores chegaram com suas famílias ao Paseo Bravo e dirigiram-se em marcha ao centro de Puebla, onde os dirigentes sindicais deram um informe sobre as negociações. Eles disseram que não recorrerão a greve se a direção da empresa decidir manter o contrato de trabalho como está e desistir de fazer mudanças no documento e poderão negociar os aumentos salariais também sem o recurso da greve.

José Luis Rodríguez Salazar, presidente do sindicato anunciou que as negociações recomeçariam na segunda-feira, para discutir as quatro cláusulas que a empresa demanda sua flexibilização . Os trabalhadores querem um reajuste salarial de 8,5% . (FITIM, 15.08.2006)

Conflito em La Escondida, Chile

Declaração do Escritório Regional da FITIM sobre a possível transferência pela empresa multinacional BHP Billiton de trabalhadores do Peru para o Chile .

'Diante de versões que dão conta da possibilidade da transferência de trabalhadores para a República do Chile desde a nação irmã do Peru, para substituir aos trabalhadores que exercem o seu direito de greve reclamando por justas reivindicações junto à empresa de mineração " La Escondida" do grupo BHP Billiton, este Escritório Regional da FITIM manifesta a sua total oposição e preocupação por estas ações que , se realmente ocorrerem, não farão mais que jogar trabalhadores contra trabalhadores numa clara e manifesta atitude de irresponsabilidade empresarial.

Chamamos aos sindicatos do ramo de mineração dos dois países a se pronunciarem contra essa atitude.

Santiago do Chile, 23 de agosto de 2006

Jorge Campos Miranda, diretor regional da FITIM América Latina e Caribe

Conferência Mundial sobre AMI

Nos dias 26 e 27 de setembro próximos a FITIM realizará em Frankfurt , na Alemanha, uma conferência internacional para discutir os Acordos Marco internacionais.

Os delegados vão discutir uma orientação para a realização dos futuros AMI e vão responder à questões como :

Que tipo de Acordo é conveniente para a FITIM ?

- Como criar a solidariedade internacional na fase de negociações ?
- A FITIM deve escolher determinadas empresas para um AMI?
- O que devemos esperar com a aplicação do AMI ?
- Como poderemos conseguir que as companhias cumpram as condições do AMI ?

OS Acordos Marco Internacionais são negociados entre uma companhia multinacional e os sindicatos de seus trabalhadores a nível mundial . É um instrumento global que pretende garantir os direitos fundamentais dos trabalhadores em todas as localizações da empresa escolhida, bem como de seus fornecedores.

A conferência fará recomendações ao Comitê Executivo da FITIM que ajudarão a dirigir o trabalho futuro da federação sobre a negociação, aplicação e cumprimento dos AMI. Existe um documento de trabalho para a conferência que pode ser baixado desde :

http://www.imfmetal.org/main/files/06081514040779/Background_document_portuguese-final.pdf

Intercâmbio com Trabalhadores Moçambicanos

Secretário de Política Sindical da CNM/CUT participa de intercâmbio com trabalhadores Moçambicanos. Marino Vani também Coord. Nacional do Instituto Integrar realiza formação de dirigentes sindicais.

A atividade é parte da parceria: SINTICIM-Moçambique, Steelworkers Humanity Fund-Canadá e CNM-Brasil

Nos últimos três anos a Confederação Nacional dos Metalúrgicos da CUT do Brasil através do Instituto Integrar vem realizando um intercâmbio e troca de experiências da ação sindical e de programas de formação profissional, com o Sindicato Nacional dos Trabalhadores da Indústria de Construção Civil, Madeiras e Minas de Moçambique – SINTICIM, em parceria com o Steelworkers Humanity Fund do Canadá.



Este intercâmbio caracterizou-se pela ida em 2004 e início de 2006 pela ida de uma delegação brasileira no país Africano para participar do Congresso do SINTICIM e debate e planejamento do Plano Nacional de Formação. Em 2005 a vinda da delegação de trabalhadores Moçambicanos ao Brasil contribuiu para estreitar os laços e conhecer o movimento sindical brasileiro.

Agora o companheiro Marino Vani Secretário de Política Sindical da CNM/CUT e Coordenador Nacional do Instituto Integrar, participa nos dias 12 de agosto à 03 de setembro de um Programa de Formação Sindical para 43 dirigentes do SINTICIM, realizado em conjunto com a Universidade Eduardo Mondlane de Moçambique. Nesta etapa do programa continua a parceria do Steelworkers Humanity Fund e também com o apoio da American Centre For International Labour Solidarity – AFL-CIO.

O programa terá como conteúdo: Sindicalismo, Papel do Sindicato e dos Dirigentes Sindicais, Contratação Coletiva, legislação, convenções Internacionais, Economia do Trabalho, Formação de Formadores, Gestão e Planejamento e Tecnologias de Informação.

Para Marino Vani “Este intercâmbio acrescenta e contribui para o acúmulo e troca de experiências entre os trabalhadores dos três países (Brasil, Moçambique e Canadá) e isto dá mais condições para análise e definição de estratégias nacionais e globais da ação sindical.” Acrescenta ainda que “Desenvolver programas com os trabalhadores da África / Moçambique significa conhecer melhor o Brasil e nossas origens, para então melhorar traçar e desenvolver políticas sindicais e construir um Novo Mundo com menos injustiças e desigualdades...”.

Fernando Lopes, Secretário Geral/Internacional da CNM/CUT afirma que “a confederação tem desenvolvido programas e experiências que contribuem para o debate da negociação de interesses dos trabalhadores metalúrgicos em todo o mundo. A experiência dos 10 anos do Instituto Integrar tem servido como referência para projetos que defendem esses interesses no Brasil e no Mundo. Acreditamos que a solidariedade internacional deve fortalecer a organização e ação dos trabalhadores”. (Solange Beatriz Marmitt e Docimar Querubin) *(Instituto Integrar, 16.08.2006)*

Wheeling-Pittsburgh quer apoio para fusão com CSN

A Wheeling-Pittsburgh anunciou nesta segunda-feira que acertou uma reunião com os líderes do sindicato norte-americano dos Metalúrgicos Unidos para tentar convencer a organização a apoiar a fusão com a Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) .

O sindicato, que apoiava uma oferta concorrente da siderúrgica Esmark, declarou na semana passada ser contrário ao acordo proposto entre a Wheeling-Pittsburgh e a CSN. Os trabalhadores disseram que fizeram queixa judicial, acusando a companhia de violar as cláusulas de acordos trabalhistas ao seguir em frente com o acordo com a CSN.

A CSN propôs realizar a fusão de seus ativos na América do Norte com a Wheeling-Pittsburgh em troca de controle de pouco menos que a metade da nova companhia. A CSN também investiria 225 milhões de dólares no empreendimento.

A Wheeling-Pittsburgh afirmou que enviou uma carta aos trabalhadores, expressando sua "extrema decepção" com as posições do sindicato. A carta também dizia que a companhia acredita que respeitou seu acordo trabalhista e saudaria uma rápida audiência de arbitragem para resolver todas as queixas. *(Reuters, 21.08.2006)*

Câmbio e desindustrialização

Os empresários da indústria estão se queixando de que a apreciação do real ante o dólar representa séria ameaça ao setor e que o Brasil poderá ser atingido por algo que ficou conhecido como a “doença holandesa” – quando a economia externa depende pesadamente apenas da venda de produtos primários. Um estudo realizado por André Nassif no BNDES, intitulado Há evidências de desindustrialização no Brasil?, chega à conclusão de que, até agora, isso é apenas ameaça.

O economista do BNDES, que numa tese apresentada na Universidade Federal do Rio de Janeiro já havia estudado as conseqüências da liberação do comércio sobre a política industrial, registra que as mudanças ocorridas na estrutura das exportações de manufaturados não permitem concluir que há um processo de desindustrialização em marcha, nem uma perda das exportações de manufaturados nas vendas externas.

Sua análise mostra que as exportações de produtos manufaturados baseados em recursos naturais não aumentaram muito nos últimos anos, enquanto as de alta tecnologia cresceram.

Pode-se argumentar que o estudo, abrangendo até o ano passado, não reflete a evolução dos últimos meses, quando as empresas, para manter as vendas externas, reduziram sua rentabilidade, situação que não pode perdurar mais do que alguns meses. Mas também é verdade que a apreciação do real em relação à moeda norte-americana pode oferecer vantagens para as empresas que importam muito ou que estejam endividadas em dólares.

O autor do estudo, destacando a excepcional resistência das indústrias brasileiras, mostra que, ao contrário do que se verificou no período anterior a 1990, elas preocuparam-se em fazer investimentos para melhorar sua produtividade.

Parece-nos que faltou levar em conta a queda das exportações de alguns produtos que utilizam matérias-primas brasileiras (exemplo dos têxteis e calçados) que estão entre as grandes vítimas da apreciação do real.

André Nassif reconhece que a desindustrialização possa ocorrer, mas parece menosprezar as razões principais dessa ameaça que se situam nos preços dos produtos chineses, que não nos permitem manter alguns mercados externos.

A perspectiva de uma invasão do mercado interno por veículos chineses poderá acarretar desindustrialização que já se constata no caso de algumas empresas brasileiras que foram para o exterior. (Editorial) (O Estado de S. Paulo, 23.08.2006)

Leia desde o arquivo do SindLab

***Há Evidências de Desindustrialização no Brasil?** - André Nassif, BNDES, Textos para Discussão 108, Rio de Janeiro, julho – 2006 – http://www.sindlab.org/download_up/td-108.pdf

Leia também :

Câmbio afeta exportadores de forma diferenciada - Fernando Pimentel Puga, Visão do Desenvolvimento nº 09, BNDES, 18.08.2006 - http://www.sindlab.org/download_up/visao_09.pdf

Um frágil cessar-fogo

O presidente do Observatório Social, Kjeld Jakobsen, que representa a CUT e a Aliança Social Continental em uma missão internacional de solidariedade ao Líbano, descreve as impressões de sua viagem.

Apenas cinco horas após a interrupção das hostilidades, soldados israelenses mataram um cidadão libanês que suspeitavam ser membro do Hezbollah. Este fato reforça as preocupações e reservas que o governo libanês apresentou diante da Resolução 1701 da ONU que suspendeu as hostilidades a partir das 08:00 de hoje (horário local) até que as tropas internacionais cheguem para ocupar o sul do Líbano.

O governo israelense, embora tenha aceitado a resolução, declarou que se reserva o direito de bombardear qualquer veículo em território libanês suspeito de transportar armas e de atirar em pessoas que, na sua avaliação, possam representar possíveis ameaças.

A região sul e o Vale do Bekaa sofreram bombardeios severos durante o dia de ontem, assim como os subúrbios de Beirute. O bairro de Haret-Hreik, muito bombardeado ao longo das

últimas semanas e que nós visitamos, voltou a ser bombardeado ontem por 20 disparos de mísseis, apenas duas horas depois que deixamos o local.

As últimas bombas que ouvimos em Beirute foram hoje às 6h30 da manhã, uma hora e meia antes do horário acordado para interrupção das hostilidades. Além da paz não estar estabelecida pela resolução, há também as pendências da devolução de todos os territórios ocupados, bem como das necessárias reparações de guerra.

Calcula-se que a destruição da infra-estrutura, das residências e do meio ambiente já atinja um valor de US\$ 6 bilhões. Isto sem falar do valor impagável das feridas e das vidas perdidas. Há ainda a suspeita, não confirmada, da utilização de armas proibidas pela Convenção de Genebra como obuses carregados com urânio empobrecido, o que contaminaria áreas e pessoas por muito tempo.

Apesar da resolução ambígua, ficou claro que Israel e EUA não atingiram seus objetivos de eliminar militarmente o Hezbollah e retornar a divisão política e fraccionista ao Líbano. O Hezbollah ampliou seu prestígio como partido político, como parte do governo libanês e como o único grupo capaz de resistir ao invasor israelense.

Imagem desgastada

A ampla maioria da população e das forças políticas se uniram em torno desta visão. Os EUA desgastaram ainda mais sua imagem, inclusive junto à classe média e aos libaneses mais conservadores, pelo apoio incondicional dado a Israel, inclusive postergando o cessar fogo e vetando qualquer condenação aos israelenses na ONU.

Como o presidente do Líbano, Emile Lahoud, resumiu para a delegação: "Apesar de tudo que fizeram, não nos subjugarão. Estamos mais unidos agora e Israel pensará duas vezes antes de nos atacar de novo".

Além da preocupação em construir uma paz permanente e que passa necessariamente pela retirada de Israel do território libanês e pela constituição de um Estado Palestino independente e soberano, há também a questão de mais de um milhão de refugiados devido aos ataques ao Líbano e entre eles mais de cem mil trabalhadores emigrantes do Sri Lanka e Filipinas.

Os refugiados não têm nem casa e nem emprego para voltar. Este é o tema mais urgente a ser tratado e a comunidade internacional precisa ajudar, além de também contribuir politicamente, pressionando Israel e EUA para abandonarem seu intento de desenhar um novo Oriente Médio de acordo com os seus abomináveis e mesquinhos interesses. É necessário que os crimes de guerra cometidos levem os governantes de Israel para prestar contas junto aos tribunais internacionais. (14.08.2006)

Kjeld Jakobsen é membro da Delegação Internacional de Paz e Solidariedade ao Líbano junto com companheiros(as) da Índia, Filipinas, Espanha, Noruega e França. (Agência CUT, 15.08.2006)

Nem Bin Laden esperava tanto

Vai fazer cinco anos do maior ataque terrorista já cometido desde que se usou pela primeira vez a palavra terrorismo.

Na área do World Trade Center, posto abaixo no 11 de Setembro, começaram há quatro meses, para terminar em 2012, as obras do que foi concebido para ser um símbolo ainda mais portentoso do orgulho americano, o babilônico conjunto de três arranhacéus, um memorial de US\$ 1 bilhão, uma megaestação para 13 linhas de metrô - e uma torre de 540 metros.

O outro lado dos cinco anos são os escombros do poderio político dos Estados Unidos. Nada parece deter o descrédito do país que ergueu o maior aparato militar, a maior economia e o maior sistema de ciência e tecnologia da história - e cuja prosperidade segue atraindo legiões de emigrantes.

Em 2002, quando o presidente Bush se preparava para invadir o Iraque e dizia que as Nações Unidas caminhavam para a irrelevância, o chanceler francês Dominique de Villepin falava dos Estados Unidos como a hiperpotência, para criticar a sua conduta arrogante, o seu indecente desrespeito pela opinião da humanidade - o avesso do que pregava o pai da pátria Thomas Jefferson.

Hoje é o caso de perguntar que hiperpotência é essa cuja ministra do Exterior, no caso, a secretária de Estado, Condoleezza Rice, não consegue ser recebida em Beirute, depois de endossar a ofensiva israelense, pelo primeiro-ministro de um país que cabe na cárie de um dente do colosso americano.

Ela tampouco conseguiu ir às capitais árabes, Cairo, Amã e Riad, onde os autocráticos governantes, cuja sobrevivência depende dos Estados Unidos, acharam melhor não ser vistos em companhia americana, embora inicialmente tivessem culpado o Hezbollah pela crise.

Washington é dono de um arsenal nuclear capaz de destruir a Terra sucessivas vezes. Mas de que lhe vale essa capacidade de overkill? Um ditador de topete de Elvis Presley, o norte-coreano Kim Jong-il, anuncia ter mais mísseis atômicos do que se supõe. Outro boquirroto, o presidente iraniano, Mahmoud Ahmadinejad, desafia Bush e o seu poodle britânico Tony Blair a impedi-lo de levar adiante o seu programa de enriquecimento de urânio.

O Oriente Médio pós-11/9 e o Iraque pós-Saddam são o que Osama bin Laden não ousaria imaginar em seus mais extravagantes delírios. Nunca antes se viram os Estados Unidos errar tanto em tão pouco tempo. O próprio 11 de Setembro só aconteceu devido à monumental incompetência dos autísticos serviços americanos de espionagem e de uma Casa Branca ocupada por um nefelibata.

Decorridos cinco anos dessa tragédia que de outro modo poderia ter sido evitada, desafia a razão que o presidente Bush, com a massa de estrategistas políticos e militares de um governo daquele porte, e ainda com os privilegiados cérebros da academia e dos think-tanks que o poder, o dinheiro e a promessa de prestígio podem comprar, continue a ser uma caricatura do rei Midas, transformando em barro tudo o que toca.

Um colunista israelense, Yossi Sarid, do Haaretz, não exagerou ao escrever dias atrás que a eleição de Bush "foi uma terrível calamidade para o mundo e todos os seus habitantes". Em grande parte porque os "malfeitores", no jargão do bushismo - ou melhor, os inimigos daquilo que a América talvez fosse hoje se a eleição de 2000 tivesse sido limpa -, simplesmente passaram a dar de ombros. "Eles fazem as suas coisas", resume Sarid, "como se os Estados Unidos não existissem, ou não tivessem nada a dizer." A guerra civil no Iraque e a devastação do Líbano multiplicaram por mil a produção de análises como essa. Uma das mais bem fundamentadas é do veterano comentarista Max Hastings, publicada segunda-feira no Guardian de Londres, sobre os perigos da crença tosca do bushismo numa conspiração islâmica planetária. (Talvez não seja crença, mas pretexto para impor a supremacia americana.) "Em setembro de 2001, a maior parte do mundo percebeu claramente que um crime monstruoso havia sido cometido com os Estados Unidos e que a derrota da Al-Qaeda era essencial à segurança global", recorda Hastings. "Embora muitos muçulmanos comuns não tivessem ficado propriamente entristecidos em ver punida a soberba americana, o apoio popular a Osama bin Laden era ainda pequeno e assim permaneceu durante a invasão do Afeganistão. Hoje, naturalmente, tudo mudou. Aos olhos de muitos muçulmanos, as ações de Bush e Blair promoveram e legitimaram a Al-Qaeda como o seu fundador dificilmente teria antecipado uma década atrás." O epicentro da problema, obviamente, se situa no mundo árabe-muçulmano. O nome do problema, também obviamente, é a miragem compartilhada pelos Estados Unidos e por Israel de que é possível estabilizar o

Nunca antes o mundo viu tantos erros dos EUA em tão pouco tempo

O Oriente Médio sem um Estado palestino, com base no plano da Arábia Saudita aprovado pela Liga Árabe em 2002, ironicamente em Beirute, ou nos moldes do projeto traçado em Genebra por negociadores privados árabes e israelenses no ano seguinte.

Mas a perda de influência americana é visível a olho nu em outras latitudes também. "O seu status de superpotência está abalado", constatou domingo o semanário londrino Observer. "Países que antes consideravam uma aliança com os Estados Unidos a sua única opção estratégica foram às compras em outras redondezas." A Rússia de Putin, a mais nova admiradora da América de Bush em 2001, dela se distanciou ostensivamente, preferindo uma atitude de não-alinhamento que inclui um flerte provocador com a Venezuela de Chávez.

Os asiáticos se voltam para a Índia e a China. "O mundo 'unipolar' de que tanto se falava depois da guerra fria, no qual os EUA eram o único poder que contava, mostrou ter vida breve", assinala o Observer. "O equilíbrio global de poder se afastou da América, apesar da sua força econômica e militar." Aonde isso vai dar não se sabe. O certo é que o terror como recurso político ainda não era, em 2001, um dado de peso da realidade internacional. Hoje é. (Luiz Weis) (*O Estado de S. Paulo*, 23.08.2006)

CNM Internacional é o boletim informativo da Confederação Nacional dos
Metalúrgicos – CNM-CUT
Secretário Geral da CNM : Fernando Lopes
<http://www.cnmcut.org.br>